

O AMOR NA SUMA TEOLÓGICA DE SANTO TOMÁS DE AQUINO

LOVE IN THE THEOLOGICAL SUM OF SAINT THOMAS AQUINAS

Adilson Teixeira Sobral¹

Resumo: O presente artigo busca apresentar as questões com relação ao amor, discorrendo sobre seus artigos e destacando de um modo especial as respostas às objeções levantadas em cada caso, presentes na obra magna de Santo Tomás de Aquino, a Suma Teológica. Após uma breve exposição sobre a vida do pensador italiano, seguem-se três capítulos que ponderam sobre qual seria a natureza, as possíveis causas e os efeitos consequentes do amor na vida humana. Como se pode com facilidade perceber durante esta explanação, se teve a todo o momento a intenção de incentivar que os leitores desse texto busquem conhecer e se aprofundar com toda a diligência necessária em tão importante obra de densidade filosófica e teológica ímpar.

Palavras-chave: Santo Tomás de Aquino. Amor. Suma Teológica. Filosofia.

Abstract: This article seeks to present the questions regarding love, discussing its articles and highlighting in a special way the answers to the objections raised in each case, present in the great work of Saint Thomas Aquinas, the Theological Sum. After a brief presentation on the life of the Italian thinker, there are three chapters that reflect on what nature would be the possible causes and the consequent effects of love on human life. As you can easily see during this explanation, it was intended at all times to encourage readers of this text to seek to know and delve into all the necessary diligence in such an important work of unique philosophical and theological density.

Keywords: Saint Thomas Aquinas. Love. Theological Sum. Philosophy.

Introdução

O amor significa, segundo o dicionário Priberam, entre outras coisas, um “sentimento que induz a aproximar, a proteger ou a conservar a pessoa pela qual se sent e afeição ou atração; grande afeição ou afinidade forte por outra pessoa”².

Sobre o amor encontramos diversas significações em dicionários, poemas, ensaios, escritos antigos e recentes. Muitos pensadores já discorreram a respeito da temática e buscaram chegar a conceituações aceitáveis. Desde os gregos, passando então por Platão e Aristóteles, Plotino, Santo Agostinho e chegando aos contemporâneos, o amor é, seja enquanto tratado como Eros, Philia ou Ágape, um assunto que desperta muitas discussões.

¹ Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru – FAFICA. teixeirasobral@gmail.com

² “amor”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/amor> [consultado em 24-11-2020].

Embora Santo Tomás de Aquino não tenha escrito nenhuma espécie de tratado que viesse a tratar objetivamente sobre a doutrina do amor, ele fez diversas referências ao tema que estão espalhadas por sua monumental obra e foi especialmente na Suma Teológica que ele mais longamente desenvolveu a temática.

E é partir desta obra magna do grande Aquinate que buscaremos apresentar neste presente texto algumas questões referentes ao amor, mas, especificamente sobre a sua natureza, sua origem e seus efeitos.

1. Santo Tomás de Aquino

Em 1225 nascia Tomás, filho de Landolfo e Teodora, no Condado de Aquino, Reino da Sicília, especificamente no Castelo de Roccasecca. Sendo de uma nobre família da Lombardia, ele foi enviado ainda criança para estudar e seguir a vida monástica no famoso Mosteiro de Montecassino.

Mas, aos 14 anos, precisou ir estudar em Nápoles e lá conheceu a Ordem dos Pregadores, descobrindo então sua vocação, vindo a receber o hábito dominicano em 1244. Mesmo com toda a oposição da família que o queria ver abade no futuro, foi enviado para estudar primeiramente em Paris e depois em Colônia sob a tutoria de Alberto Magno. “Foi deste período o apelido ‘boi mudo da Sicília’, não só em razão do seu caráter taciturno, mas também por causa da sua corpulência. Foi ordenado sacerdote neste período em que esteve em Colônia”³.

Aos 27 anos foi nomeado bacharel, passando a lecionar em Paris e também se preparando nesse tempo para ser Mestre em Sagrada Escritura. Nesse tempo escreveu *De ente et essentia* e alguns anos depois a *Summa Contra Gentiles*, a *Catena Aurea* e o ofício litúrgico para a Solenidade de *Corpus Christi*.

E entre 1265 e 1268 iniciou a sua obra magna que não conseguiu concluir – da qual algumas questões servem de base para esse artigo – a *Summa Theologiae*. Falecendo com fama de santidade nas primeiras horas do dia 7 de Março de 1274, aos 49 anos.

Santo Tomás de Aquino foi canonizado por João XXII em 1323, proclamado ‘Doutor da Igreja’ por São Pio V em 1567, Guia dos estudantes por pio XI em 1923 e colocado por São João Paulo II como modelo para reconciliação entre fé e razão em 1998. Enfim,

³ FAITANIN, Paulo. Introdução ao Tomismo, p. 12.

Tomás revela-nos um perfil intelectual e moral inigualável. Podemos dizer que Tomás coerentemente viveu o que pensou e pensou o que viveu: está inteiro em sua doutrina. Entrelaçam-se nele a santidade e a sabedoria, de tal maneira que se removêssemos uma prejudicar-se-ia a outra.⁴

2. A natureza do amor para Santo Tomás

Nas questões 26, 27 e 28 da *Prima Secundae*, Santo Tomás discorre sobre o amor quando está começando a tratar das características inerentes às onze paixões da alma, a saber: amor, desejo, alegria, ódio, fuga, tristeza, esperança, desespero, audácia, temor e ira.

Considerando-se inicialmente a respeito do amor em si mesmo, o Aquinate reflete sobre quatro problemáticas: Se o amor pertence ao concupiscível? Se o amor é paixão? Se o amor é o mesmo que a dileção? E se o amor se divide convenientemente em amor de amizade e amor de concupiscência?

No primeiro artigo discute-se que aparentemente o amor não pertenceria ao concupiscível, ou seja, ao apetite. Todavia, Santo Tomás sustenta que apesar das posições existentes nas Escrituras, em Santo Agostinho e em Dionísio Aeropagita que sustentariam esse não pertencimento, o Filósofo – que é como o Aquinate se refere a Aristóteles – assegura que o amor pertence sim ao concupiscível.

Na solução, Santo Tomás diz que “o amor é algo próprio ao apetite, pois ambos tem por objeto o bem; por onde, qual a diferença do apetite, tal a do amor”⁵. E segue fazendo referência à tríplice divisão do apetite que redundam na tríade do amor:

Amor natural que é designado por *connaturalitas* e que é o princípio de movimento do apetite natural, i. e., do apetite que segue por necessidade a inclinação da sua natureza tal qual determinada pela Inteligência divina. Amor sensitivo que é designado por *coaptio* e/ou *complacentia*, e que é o apetite que segue por necessidade instintiva a sua própria apreensão sensível (de um bem particular). Amor intelectual que é designado também por *coaptio* e/ou *complacentia*, e que consiste no apetite que segue à apreensão intelectual (de algo considerado como bem sob a noção universal de bem), não por necessidade, mas segundo um juízo livre.⁶

⁴ FAITANIN, Paulo. Introdução ao Tomismo, p. 18.

⁵ ST, I-II, Q. 26, a.1.

⁶ Amor, desejo e amizade, p. 45.

Onde percebemos que o princípio do movimento que tende para o fim amado, seja em qual for dos apetites, denomina-se amor. Desta feita, temos que o amor pertence sim ao concupiscível, compreendido como o apetite, diferente do que objetavam alguns.

No artigo seguinte, se discute se o amor é ou não paixão. Apresenta-se que para Dionísio Aeropagita, o amor sendo virtude não poderia ser paixão; Santo Agostinho objeta que o amor não é paixão por ser relação; e ainda São João Damasceno diz que o amor não é paixão, pois esta é um movimento e não um princípio.

Ao passo que o Dominicano, partindo mais uma vez de Aristóteles, defende que o amor é sim, se contrapondo ao dito pelos citados anteriormente, uma paixão. “A paixão é um efeito do agente no paciente”⁷, isto é, é uma consequência daquele ou daquilo que age no que recebe a ação. “Por onde, a primeira imutação do apetite pelo apetível se chama amor, que não é senão a complacência no apetível, da qual resulta o movimento para este, que é o desejo; e por último vem o repouso, que se chama alegria”⁸. Amor, nesse caso, é uma forma de inclinação natural para uma ação determinada. Desejo se traduz como a movimentação realizada para obter o bem amado que ainda não está presente de maneira real. E alegria, tem então a ver com o gozo produzido como resultado da união real com o bem amado.

“Assim pois o amor, consistindo numa quase imutação do apetite pelo apetível, é manifesto que é paixão: propriamente, enquanto tem a sua sede no concupiscível; comumente e em geral, enquanto está na vontade”⁹.

O terceiro artigo busca responder se o amor é sinônimo de dileção e após apresentar as opiniões de Santo Agostinho e Dionísio Aeropagita que endossariam essa similaridade, ressalva que também segundo este último, certos Santos tem o termo dileção como menos divino que amor. E então soluciona o Aquinate:

Há quatro nomes que se empregam para significarem de certo modo o mesmo: amor, dileção, caridade e amizade, que contudo diferem no seguinte. A amizade, segundo o Filósofo, é um quase hábito; o amor, porém, e a dileção empregam-se parasignificar ato ou paixão; ao passo que caridade é usada em ambos esses sentidos.¹⁰

E os três vocábulos (dileção, caridade e amor) expressam basicamente o mesmo ato, apenas de modo diverso: o amor é o mais universal dos três, visto que tanto a caridade

⁷ ST, I-II, Q. 26, a.2.

⁸ Idem.

⁹ Idem.

¹⁰ ST, I-II, Q. 26, a. 3.

quanto a dileção a ele se reduzem, nunca o contrário; a caridade acresce ao amor certa perfeição e apreço pelo que se ama; e a dileção que concerne à vontade, adiciona ao amor de uma prévia eleição pelo que é amado.

E finalmente nos deparamos com a conveniência de se distinguir entre amor de concupiscência e amor de amizade sendo discutida e encontramos a solução dada pelo Dominicano no último artigo dessa questão sobre a essência do amor.

Ao longo da Idade Média, o pensamento cristão cunhou uma nomenclatura própria para designar uma distinção no interior da noção de amor, a saber: amor amicitiae (amor de amizade) e amor concupiscentiae (amor de concupiscência). No pensamento de Tomás de Aquino sobre a natureza do amor, essa distinção encontra-se presente desde a redação do seu comentário às Sentenças de Pedro Lombardo, em 1252 na sua primeira estada em Paris, até a produção de sua própria Suma de Teologia (ST), redigida quase vinte anos depois, por volta de 1271, na fase final de sua vida.¹¹

Santo Tomás se apoiando mais uma vez em Aristóteles diz que o amor tem um movimento que tende para duas finalidades: o bem que almejamos a alguém, seja a outrem seja a si mesmo; e a pessoa a quem esse bem desejamos. Sendo o primeiro fim relacionado ao amor de concupiscência e o segundo, ao amor de amizade. E tão somente o que amamos em si mesmo e absolutamente é amor de amizade, o que assim não amamos é amor de concupiscência.

Assim sendo, “o amor não se divide em amizade e concupiscência, mas em amor de amizade e de concupiscência”¹². E não se deve confundir essa distinção, sob pena de se acabar por se embarçar em toda uma confusão a respeito da natureza do amor.

3. Os elementos que causam o amor

A questão seguinte discute por sua vez, a partir de quatro artigos qual viria a ser a causa do amor. No caso, se investiga se seria o bem a única origem do amor, ou se seria o conhecimento, a semelhança ou as outras paixões.

O primeiro artigo da questão 27 arrazoa que aparenta não ser o bem a única causa do amor, já que a partir das Escrituras e do Filósofo se poderia apreender que o mal também seria origem do amor; e segundo Dionísio, o belo também lhe daria causa.

¹¹ COUTO, Antônio. Amor Amicitiae e Amor Concupiscentiae, p. 50.

¹² ST, I-II, Q. 26, a. 4.

Ao passo que partindo de Santo Agostinho que diz que seguramente não é amado a não ser o bem, Santo Tomás, garante que o bem é, impreterivelmente, a causa do amor. “Ora, o objeto próprio do amor é o bem, pois, como já dissemos, o amor implica uma certa conaturalidade ou complacência do amante em relação ao amado; pois, o bem de cada qual é o que lhe é conatural e proporcionado”¹³.

Ainda que se pareça amar o mal, na verdade se o faz por confundir-lhe com o bem. Por isso, ama-se os que erram e pecam, mas, não os seus erros e pecados. E o belo, diferente do bem, agrada a partir da apreensão cognocistiva.

No artigo segundo encontramos a discussão relativa ao amor ter ou não origem no conhecimento. E as seguintes objeções: se por amor é que buscamos algo que por vezes não conhecemos, então, seguindo uma lógica agostiniana, não buscaríamos mais o que fosse conhecido; demais, Deus, por exemplo, é amado muito mais do que é conhecido; e sendo o conhecimento causa do amor, não existiriam em separado, entretando, existe amor em todos os seres e conhecimento, não.

Todavia, ninguém pode amar o que desconhece, segundo Santo Agostinho. “Assim pois, o conhecimento é a causa do amor, e a razão por que só o bem conhecido pode ser amado”¹⁴.

Se a semelhança é ou não causa do amor, é o que se discute no terceiro artigo da referida questão. E a resposta seria negativa por esses motivos: não poderiam ter os contrários a mesma origem, e a semelhança por vezes tem levado ao ódio; não amamos em outrem tão somente o que aspiramos ser; a dissemelhança seria também causa do amor, já que o doente ama a saúde, por exemplo; e também temos que nem todos os homens amam da mesma maneira.

Para responder a essas ressalvas o Aquinate parte das Escrituras onde se afirma que todo animal ama ao seu semelhante.

A semelhança propriamente falando é causa do amor. Devemos ponderar porém, que a semelhança entre várias coisas pode ser considerada sob dois pontos de vista. Ou dois seres têm a mesma qualidade em ato, e por ex., dizem-se semelhantes se ambos são brancos; ou um tem potencialmente e por uma certa inclinação o que o outro tem em ato, como se dissemos que o corpo grave que está fora do seu lugar tem semelhança com outro, que está no seu; ou ainda, no sentido em que a potência tem semelhança com o ato mesmo, pois este de certo modo está naquela.¹⁵

¹³ ST, I-II, Q. 27, a. 1.

¹⁴ ST, I-II, Q. 27, a. 2.

¹⁵ ST, I-II, Q. 27, a. 3.

É certo, que deve-se deixar claro que o amor de benevolência ou de amizade é originado pelo primeiro modo de semelhança, já que dois seres similares são quase que unificados por seu afeto em comum. E o segundo modo de semelhança, por sua vez, gera a amizade útil e deleitável ou amor de concupiscência, pois já se deleita em desejo na potência do que se está para conseguir, isto é, por em ato. Ressaltando-se ainda que nos amamos propriamente a nós pelo amor de concupiscência, amamos mais a nós que aos outros.

E por fim, no último artigo dessa questão, investiga-se se outras paixões também podem ser a causa do amor. Segundo Aristóteles, o prazer e o desejo – que são paixões – também originam o amor e para Santo Agostinho, todos os afetos da alma são causados pelo amor.

Santo Tomás a partir disso diz que:

Não há nenhuma paixão que não pressuponha o amor, porque todas as paixões da alma implicam movimento ou repouso relativamente a algum objeto. Ora, todo movimento ou repouso procede de alguma conaturalidade ou coaptação, consoantes à essência do amor. Por onde, é impossível qualquer outra paixão da alma ser em universal causa de todo amor. Pode dar-se porém que alguma paixão seja causa de um determinado amor, assim como um bem é causa de outro.¹⁶

Ou seja, algum afeto ou paixão da alma pode, de maneira particular e específica, dar causa a determinada espécie de amor, todavia, em sentido universal e geral, é o amor que na verdade origina todas as demais paixões.

4. O amor e suas consequências

E finalmente a questão 28 trata se a união, a mútua inerência, o êxtase, o zelo, a paixão lesiva e a disposição de fazer tudo podem ser considerados como efeitos consequentes ao amor.

Aparenta-se que a união não é efeito do amor, já que o Apóstolo (São Paulo) diz ser o amor compatível com a ausência; demais, o amor não causa nem a união essencial nem por semelhança genérica; outra que a união parece ser mais uma consequência do conhecimento que do amor. Embora, Dionísio diz ser o amor uma virtude unitiva.

Segundo o Aquinate há na verdade uma dupla união do amante com o amado:

¹⁶ ST, I-II, Q. 27, a. 4.

Por onde, a primeira união o amor a causa efetivamente, porque leva a desejar e buscar a presença do amado, como algo que lhe convém e lhe pertence. A segunda união ele a causa formalmente, pois que o amor em si mesmo consiste nessa união ou nexo. Por isso Agostinho diz, que o amor é um quase laço que une ou tende a unir dois seres — o amante e o amado, — referindo-se une à união do afeto, sem a qual não há amor; e tende a unir, à união real.¹⁷

Sendo assim, temos como respostas às objeções iniciais que: o objeto do amor pode estar ou não presente; os amantes buscam a união conveniente e própria; e o amor é mais unitivo que o conhecimento.

Sobre parecer que o amor não causa a mútua inerência, isto é, não faz com que o amante esteja no amado e reciprocamente, diz-se que o continente não se identifica com o conteúdo, a inerência recíproca seria efeito da razão e temos como evidência comum que nem sempre o amante é amado por quem o ama. Todavia, a partir da Escritura se pode concluir que qualquer amor faz com que o amado esteja no amante. Disso diz Santo Tomás:

O efeito em questão da mútua inerência, pode ser entendido relativamente à virtude apreensiva e à apetitiva. Assim quanto à primeira, dizemos que o amado está no amante na medida em que este é assimilado pela apreensão daquele [...] Relativamente à virtude apetitiva porém, dizemos que o amado está no amante por provocar-lhe uma certa complacência do afeto, de modo que se deleite com o amado, ou com os seus bens, ou com a sua presença; ou ainda, quando o amado está ausente, busque-o por amor de concupiscência, ou os bens que, por amor de amizade, lhe quereria; [...] Pode-se ainda entender a mútua inerência de um terceiro modo, relativamente ao amor de amizade, por via do amor mútuo, enquanto os amigos mutuamente se amam e mutuamente se querem bem e se beneficiam.¹⁸

E em relação ao êxtase aparentar não ser uma consequência do amor por implicar uma certa alienação e por dar a ideia de que o amante sairia fora de si para unir-se ao amante, temos em contrapartida, Dionísio dizendo que o amor divino produz êxtase e que todo amor sendo semelhante ao divino, logo êxtase também deve causar. Produzindo-se o amor, êxtase de duas espécies, em relação às potências apreensiva e apetitiva, segundo o Aquinate.

Quanto ao zelo ser efeito do amor, coisa discutida no artigo seguinte, Santo Tomás pontua que:

¹⁷ ST, I-II, Q. 28, a. 1.

¹⁸ ST, I-II, Q. 28, a. 2.

O zelo, qualquer que seja o sentido que lhe dê, provém da intensidade do amor. Ora, é manifesto que quanto mais intensamente uma potência tende para um objeto, tanto mais fortemente repele tudo o contrário e repugnante. Ora, sendo o amor um certo movimento para o amado com diz Agostinho, o amor intenso procura excluir tudo o a que repugna.¹⁹

E o quinto artigo discute se o amor é uma paixão lesiva, fato aparentemente confirmado pelas Escrituras, porém, segundo Dionísio, o amor seria na verdade uma paixão conservadora e perfectiva. E disso o Doutor Angélico, lembra que já fora dito que o amor significa uma certa coaptação da virtude apetitiva para algum bem e contanto que seja para algo conveniente tão somente lhe aperfeiçoará e melhorará.

Ainda como resposta às objeções em contrário, ele diz que “ao amor podem-se atribuir quatro efeitos próximos: derretimento, fruição, langor e fervor.”²⁰ Ao passo que o derretimento é oposto ao congelamento ou dureza de coração, a fruição é o prazer do possuir, o langor é a tristeza da ausência e o fervor o desejo intenso pela presença do amado.

E por fim, no último artigo dessa questão, encontramos a discussão em torno de o amante fazer ou não tudo por amor. Onde inicialmente temos fundamentada em Aristóteles a ideia de que nem tudo se faz por amor, visto que também motivam ações humanas: a eleição, a ignorância, o ódio e outras paixões do apetite. E contrariando isso, se tem a opinião do Aeropagita de que tudo é feito por amor.

E a partir disso, soluciona Santo Tomás que “todo agente age em vista de um fim, como já dissemos. Ora, o fim é o bem de cada um desejado e amado. Por onde, é manifesto que todo e qualquer agente pratica todas suas ações por amor”²¹. E até mesmo o próprio ódio é causado pelo, caso a ser tratado na sequência da Suma.

Considerações finais

Ante o proposto no início deste trabalho, procuramos expor de uma forma simples as resoluções das três questões que versam sobre o amor na obra magna do gigantesco pensador italiano, o maior nome da escolástica medieval.

¹⁹ ST, I-II, Q. 28, a. 4.

²⁰ ST, I-II, Q. 28, a. 5.

²¹ ST, I-II, Q. 28, a. 6.

A Suma Teológica é uma obra de uma grandeza inestimável, onde encontramos a discussão sobre praticamente todos as grandes temáticas existentes então, segue atualíssimo mesmo após quase oito séculos.

Santo Tomás de Aquino e sua filosofia perene tem muito a dizer à contemporaneidade e a ensinar aos intelectuais hodiernos seja sobre o amor – que buscamos apresentar sinteticamente nesse texto – seja sobre outros conceitos também de relevância ímpar.

Por isso tudo, terminamos o presente artigo ressaltando o valor do estudo tomista para a recuperação do bom senso intelectual em nossa época, pois como bem diz o escritor britânico G. K. Chesterton em sua biografia do Aquinate: “que o Tomismo seja a filosofia do bom senso, proclama-o o mesmo bom senso”²².

Referências

- “AMOR”. In: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/amor> [consultado em 24-11-2020].
- CHESTERTON, G. K. *Santo Tomás de Aquino: biografia*. Tradução e notas de Carlos Ancêde Nougé. São Paulo: Ltr, 2003.
- COUTO, A. A. C. *Amor, desejo e amizade: Um estudo sobre a natureza do amor na Suma Teológica de Sto. Tomás de Aquino*. 2012. 166 páginas. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2012.
- COUTO, A. A. Caldasso. Amor amicitiae Amor concupiscentiae: Um estudo sobre as noções de amor, desejo e amizade na Suma Teológica de Tomás de Aquino. *Dissertatio*, UFPel, p. 40-72, verão de 2014.
- FAITANIN, P. *Introdução ao Tomismo: Tomás, o Tomismo & os Tomistas: uma breve apresentação*. Cadernos da Aquinate, n. 11, Niterói-RJ: Instituto Aquinate, 2011.
- SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. (Vol. 2) 4ª ed. Trad. Alexandre Correia. Campinas-SP: Ecclesiae, 2016.

Recebido em: 30/11/2020
Aprovado em: 16/02/2021

²² CHESTERTON, G. K. Santo Tomás de Aquino, pág. 125.